

## Perversão do presente em currículos nômades: acontecimentos<sup>1</sup>

*José Mário Aleluia Oliveira\**

Resumo: O artigo apresenta alguns sentidos do trabalho realizado – nos entremeios de uma pesquisa de doutorado – em uma terceira série do Ensino Fundamental da rede municipal de Paulínia-SP, utilizando câmeras-latas na produção de agenciamentos, imaginações, efeitos, intuições. Deslocamentos do tempo e do espaço em agenciamentos currículos-fotografia-tempo pelos bairros do município. O trabalho parte de conceitos de Gilles Deleuze, colocando-os em fluxos para o campo dos estudos do currículo. Gilles Deleuze erige três formulações para o tempo que podem nos inspirar na produção de currículos nômades, ajudando-nos a traçar linhas que nos auxiliem a movimentar as formas de ser e de estar na escola. As potencialidades do encontro do currículo com os tempos “deleuzianos” são, neste trabalho, traçados, linhas do “conto” para se considerar a política curricular como estética artística.

Palavras-chave: currículo, imaginação, Deleuze, fotografia.

Abstract: This article presents some senses of the developed work – at moments during a doctorate research – in a basic education 3<sup>rd</sup>-grade class of a municipal public school in Paulínia – SP. Can-cameras were used to produce mediation, imagination, effects, and intuition, displacing time and space in curriculum-photography-time mediation through the town neighborhoods. The work was carried out by arranging Gilles-Deleuze’s concepts into a flow for the curriculum field study. Gilles Deleuze builds up three formulations for time, and these formulations can inspire us to produce nomad curricula, helping us trace lines that may help us move the ways of being at school. The potentialities of matching the curriculum and the “Deleuzian” times are herein traced as “short story” lines to consider the curricular policy as artistic aesthetics.

Key words: curriculum; imagination; Deleuze; photography.

\* Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA). [jmaleluia@hotmail.com](mailto:jmaleluia@hotmail.com)

1. Este ensaio apresenta um recorte da tese de doutorado intitulada *Currículos-Hipertextos-Pops*, defendida na Faculdade de Educação da Unicamp em 17 de novembro de 2006. Currículos nômades são um dos movimentos produzidos em imaginações curriculares na tese *Currículos-Hipertextos-Pops*, na qual se assumem, na escrita, a banalidade, o ordinário e o comum aos quais remetem as culturas escolares, em seus ritmos espaço-temporais. A tese enfrenta ainda esta condição de práticas educativas que se movimentam em três escolas, com professoras e professor de distintas experiências, com projetos educativos em multiplicidades. É tese que se inverte no caos. E nele se efetua. O trabalho parte de conceitos de Gilles Deleuze, colocando-os em fluxos para o campo dos estudos de currículo, invadindo-os e com eles se atritando.

Nômade<sup>2</sup>: diz-se daquele ou daquela para quem o presente é um labirinto em linha reta cujo fluxo ocorre simultaneamente no passado e no futuro; atitude ou distribuição que, por não apostar apenas no cronológico, joga com o instante, dividindo-o ao infinito, levando em conta o acaso; por extensão, local, pessoa, coisa, etc., em que o presente não pode ser medido e não existe; aquele ou aquela que vive o tempo do pensamento: Aion. Aion: leitura do tempo, na qual o instante percorre toda a sua linha e, assim, joga com a invenção e o “conto”. Tempo dos acontecimentos, das distribuições nômades, do devir da superfície.

Cronos: leitura circular do tempo, na qual o presente é medido em “agoras” e, assim, este é uma extensão do passado e do futuro. Tempo das misturas e das incorporações.

Devir-louco das profundidades: devir preso à profundidade e, portanto, à incorporação. Pode ser considerado o “mau Cronos”, pois é o tempo da subversão.

Conceitos: formados por componentes que os definem e encontram sentidos em encruzilhadas de problemas, os quais estão aliados a outros conceitos. São sempre múltiplos.

Plano de imanência: não é método nem conceito, mas a imagem do pensamento; é a instauração dos conceitos, tomados do caos pelo plano que faz movimentos infinitos. Por isso há sempre uma multiplicidade de planos, pois nenhum tomaria todo o caos. Intuição.

Consistência: é a capacidade de tornar inseparáveis componentes heterogêneos e distintos.

Intuição: compreensão indefinida de algo que será criado, conceito, por exemplo.

Trago aqui alguns sentidos do trabalho realizado em parceria com alunos e professora<sup>3</sup> de uma terceira série do Ensino Fundamental da rede municipal de Paulínia-SP, produzindo e utilizando câmeras-latas na produção de agenciamentos, imaginações, efeitos, intuições; currículos nômades a serem reinventados como virtualizações de nossos pensamentos e percepções. Deslocamentos do tempo e do espaço em agenciamentos currículos-fotografia-tempo pelos bairros do município.

2. Planos traçados em insistências com encontros deleuzianos.

3. Nesse texto será nomeada como professora Aline. Importante ressaltar que todo o material utilizado e as análises têm autorização dessa professora, assim como dos alunos e de seus responsáveis.

As produções das imagens com a técnica da câmera obscura<sup>4</sup> podem nos remeter a efeitos dos mais diversificados: a utilização da câmera obscura na Renascença, as produções de imagens na pintura, a criação da fotografia, a criação de realidades com o enquadramento, a formação da imagem no nosso olho e na máquina fotográfica, que é invertida. As produções de imagens e sentimentos, mensagens, leituras, textos. Todos esses efeitos-istantes têm possibilidades de recriação, de ser reinventados por nós e pelos alunos, como virtualizações de nossos pensamentos e percepções.

Passado? Presente? Tempo-pensamento? Expressões de idéias?



Figura 1. Imagens produzidas pelo autor como registro do trabalho, utilizando a câmera fotográfica digital.



Figura 2. Imagens produzidas por alunos da 3ª série, utilizando a câmera-lata

4. O fenômeno da câmara escura talvez acompanhe o homem desde os primórdios das cavernas. Na Grécia Antiga, Aristóteles já se referia à câmara escura como instrumento de observação de eclipses solares. Na Idade Média este fenômeno foi também conhecido e estudado, mas só a partir do século XV os estudiosos passaram a dar mais atenção a essa técnica. Leonardo da Vinci, por exemplo, examinou o fenômeno da câmara e demonstrou as possibilidades no uso para o desenho. O termo "Pinhole" apareceu ainda no século XIX, criado por David Brewster, um cientista inglês, que foi, possivelmente, o primeiro a fazer imagens fotográficas com uma câmara escura usando o pinhole. (Galeria Pinhole. <<http://eba.ufmg.br/cfalieri/intro.html>>. Visitado em 25 de fevereiro de 2004).

A proposta de produzir, estudar, imaginar currículos nômades, inspira o conceito de tempo estratigráfico proposto por Gilles Deleuze. Um tempo de “*distribuição nômade e não sedentária*” (Deleuze, 2003, p.62) é “um grandioso tempo de coexistência, que não exclui o antes e o depois, mas os superpõe em uma ordem estratigráfica” (Deleuze; Guattari, 1992, p.78). Um tempo de renúncias ao estritamente histórico, à sucessão temporal, à sua mensuração, à sua associação com a realidade.

Gilles Deleuze erige três formulações para o tempo: Cronos, Aion e o devir-louco das profundidades. Esses conceitos são traçados em seus livros *Lógica do Sentido* e *O que é a Filosofia*, este último em parceria com Félix Guattari. Ajudou-me na compreensão desses conceitos o livro *Inverter a Educação: de Gilles Deleuze à filosofia da educação*, escrito por Nuno Fadigas.

Conceber o tempo nos três referidos conceitos pode nos ajudar a traçar planos e linhas que nos auxiliem a movimentar as formas de ser e de estar na escola, saindo das dualidades brutas que nos fixam no que possa ser considerado como homem, mulher; educado, não-educado; currículo, não-currículo; escolar, não-escolar; didático, não-didático; como estritamente pedagógico, como para fora da escola. “Lá fora um mundo grita dentro de mim” — frase que incomoda em uma lógica sedentária, mas que pode ser produtiva em antilógica nômade.

Esse “lá fora” implica um “fora-dentro” ou um “dentro-fora”, sem a dualidade, pois estamos em época de instabilidade, de hibridismos, de multiculturalismo, de conexões instantâneas, de informações distribuídas, de desterritorializações que desestabilizam constantemente o “fora-dentro”, o “dentro-fora”; o antes e o depois; o passado e o futuro — as fronteiras institucionais que insistem em demarcar territórios fixos, estáveis.

Nessa direção, movimentos políticos, econômicos, sociais, por meio de pessoas, instituições, trabalhadores, excluídos, empresários, desempregados, professores, alunos, parâmetros, penetram em instituições das mais diversas, produzindo linhas de fuga que as colocam em devires múltiplos. Essas práticas, mesmo ainda minoritárias, não silenciam mais; gritam “de dentro”, (re)constroem práticas, desterritorializam ações, pensamentos, idéias, dualidades. Nomadizam.

Efeitos de superfície?



Figura 3. Negativo da imagem



Figura 4. Positivo da imagem  
(Imagens produzidas pelos alunos)

Para Gilles Deleuze, Cronos é o tempo mensurável, que mede a efetuação em um estado de coisas. Nele “só o presente existe no tempo. Passado, presente e futuro não são três dimensões do tempo; só o presente preenche o tempo, o passado e o futuro são duas dimensões relativas ao presente no tempo” (Deleuze, 2003, p. 167). Este convencionado em divisões matemáticas precisas que o mensuram em horas, minutos, segundos; em um sentido único que vai do passado para o futuro, tornando este previsível e aquele definitivo.

Aprisiona, assim, o presente que caminha em círculo, em eterno retorno ao passado em seus fatos, datas, tradições, conservações, etc. e um futuro em seus planos, metas, pré-ações, pré-definições. Cronos é corporal, tem relação com os estados de coisas. É o tempo das sucessões, do progresso, do limite, justamente por sua possibilidade abstrata de medir o “agora” e associar à matéria, às coisas, aos locais, às pessoas definidas.

Aion é o tempo do incorporal, da subdivisão ao infinito em dois sentidos simultâneos, passado e futuro; do imensurável. A ausência de unidade de medidas “de tempo em Aion justifica-se pela sua falta de necessidade: o que conta aqui é, sobretudo, a excelência das idéias, e não tanto o momento em que surgiram” (Fadigas, 2003, p.32). O presente em Aion não é uma extensão, nem prolongamento, nem profundidade, nem mistura, nem sucessão, como em Cronos. É coexistência de passado e futuro simultaneamente, subdividindo-o ao infinito, apesar de sua finitude.

Assim, enquanto em Cronos o presente é alongado em passado e futuro, com seus “agoras” situados no tempo e no espaço, em Aion o presente não existe, é o “instante” que divide ao infinito o tempo cronológico. Enquanto em Aion são os efeitos que se proliferam, em Cronos as causas prevalecem. Este se materializa nas coisas e causas, é circular e em único sentido – passado, presente, futuro –, aquele se faz no caos e nos efeitos, é reta com sentido simultâneo – passado e futuro ao mesmo tempo.

O “agora” em Cronos parece permanecer e alongar um presente que já passou. A sua extensão faz com que tenhamos a sensação de que há seqüência, nas coisas-pessoas, no tempo. Como se o tempo presente permanecesse, como se ele tivesse corpo e matéria e dependesse dos estados de coisas, das causas. A capacidade de medir o “agora” ilude a existência de velocidade e movimento, remete a algo que possa ser esperado, porque medido. Isso, segundo Deleuze, faz de Cronos o tempo do esperado, sendo possível representar o presente justamente por ser alongado. Por ser alongado tem a possibilidade de transmitir, de comunicar matéria, coisas, pessoas.

Em Aion, como o presente não existe e, portanto, não pode ser medido, são as idéias e suas percepções que se renovam constantemente. Não há o alongamento do presente em “agoras”, mas instantes que expressam idéias que podem remeter a infinitas imagens e estas a explosões de outras idéias; isso é diferente de comunicar, transmitir. O instante é passado e futuro ao mesmo tempo, nos dois sentidos.

Quando conversamos com alguém, nosso pensamento não pode ser medido, pois, quando ouvimos, estamos duplamente pensando em algo que será dito e o que pensei já é ao mesmo tempo o que foi pensado e o que vou pensar ou dizer. Não se alonga em “estou pensando”. É o instante do pensamento que só pode ser pensado em Aion, pois Cronos não o compreende.

Mas em que intensidades esses conceitos relacionados ao tempo têm a ver com currículos nômades? Em quais sentidos? Em que o tempo estratigráfico, Aion, é potência na imaginação? A escola e suas inúmeras produções, relações, práticas, ações, seus espaços, etc. são organizados em sua maioria em função do tempo. O tempo, como concebido em Cronos – histórico, cronológico,

seqüencial –, pode ser pensado como um dispositivo pedagógico com força em espaços escolares. Porém, a sua força não se encontra apenas nas matérias, nos estados de coisas, nos espaços; entranha-se nas relações entre pessoas e conhecimentos, conferindo endurecimento, bloqueios, delimitações, os quais são próprios do tempo concebido em Cronos.

Provocadora para essas questões e para a compreensão de Aion é a pergunta lançada por Deleuze: “que tempo é esse que não tem necessidade de ser infinito, mas somente ‘infinitamente subdivisível’?” (Deleuze, 2003, p.64). Para ele o passado, o presente e o futuro não são “três partes de uma mesma temporalidade” e, sim, erigem dois conceitos de tempo que se excluem e se completam mutuamente: Cronos e Aion. Neste o passado e o futuro dividem o presente ao infinito, sendo este forma vazia do tempo, que não depende de qualquer matéria. Aion é o tempo-acontecimento, o tempo íntimo do pensamento.

Tempo-sem-carne que coincide com o tempo-pensamento. Seria esse o tempo cultural? Tempo-culturas? Aion, como tempo próprio do pensamento, faz coexistirem sentidos e não-sentidos, em camadas que se dobram e redobram, pois não são passíveis de capturas. Na contra-efetuação, as capturas são instantâneas e o instante-Aion, que é volátil, fugidio, subdividido ao infinito, desencarnado, *ramifica-se em pensamentos* nas culturas e nas expressões culturais.



Figura 5 – Trem-câmera-imagem



Figura 6 – Câmera-lata

(Imagens produzidas pelo autor como registro do trabalho, utilizando a câmera fotográfica digital)

Como instantes-pensamentos, busca por posicionar-se em Aion, desejosa do tempo incorporal, surge a vontade de produzir com os alunos imagens da cidade de Paulínia-SP e seus bairros. A sugestão desta atividade provoca um ar de dúvida e descrença nos alunos: a produção de máquinas fotográficas em latas de alumínio. Essa técnica é também conhecida como Pinhole ou Pin-Hole e consiste em produzir fotografia sem o uso de equipamentos convencionais. O seu nome, originário da língua inglesa, pode ser traduzido como “buraco de agulha”.

Na produção das câmeras-latas e das imagens desenvolvemos *performances* dentro e fora da escola, desenrolando outras possibilidades de estar em práticas educacionais. A lata como resquício, refugio do consumo, estava destinada ao abandono, à reutilização para outros fins ou à transformação física por meio da reciclagem. No tempo de criação da máquina-lata são possibilitados deslocamentos virtuais do corpo, do espaço, dos conhecimentos, de outros objetos presentes.

Na produção dos nossos currículos nômades, a lata é transmutada em produtora de *imagens-imaginárias – imagem da imagem ou pensamento sem imagem* –, pois nos posiciona em Aion, lateralmente a Cronos, possibilitando que nos liberte da imagem como representação das coisas e do mundo. Imagem como invenção, como pensamento. Imagem que subdivide ao infinito o seu tempo de exposição à luz, propondo que o seu registro não represente e, sim, sejam idéias e percepções que se renovem constantemente. Imagem-acontecimento.

[...] o angustiante do acontecimento está, justamente, em que ele é alguma coisa que acaba de ocorrer e que vai se passar, ao mesmo tempo, nunca uma coisa que se passa. O X de que sentimos que isto acaba de se passar, é o objeto da “novidade”; e o X que sempre vai se passar é o objeto do “conto”. O acontecimento é o conto e a novidade, jamais atualidade (Deleuze, 2003, p. 65-66).

Apostar no tempo dos acontecimentos pode ser, entre outras coisas, lançar-se ao acaso, jogar com a criação, com a invenção, com a imaginação, com a novidade e com o “conto”. É solicitar a percepção e a expressão, as quais não somente dependem das condições mentais, físicas, das coisas, mas da sua própria renovação, do instante imaterial que não pode ser medido, nem definitivo. É desejo, é não esperado, é acontecimento, é devir, é o tempo-pensamento.

Porém, Deleuze alerta que é em Cronos que o acontecimento se efetua, pois nele é que é possível medir a encarnação dos corpos, a sua profundidade, a sua incorporação em estados de coisas – reterritorialização. Desta forma é o estado físico para expressar que transmite algo, que comunica alguma coisa. “Eis o segredo do acontecimento: estando sobre o Aion, ele, entretanto, não o preenche. Como o incorporal preencheria o incorporal e o impenetrável preencheria o impenetrável?” (Deleuze, 2003, p.67).



Desterritorializações? ... Estratos? ... Imaginações?



Figura 8



Figura 7

(Imagens produzidas pelo autor com os alunos)

Deleuze, já na Segunda Série de Paradoxos: dos efeitos de Superfície, em *Lógica do Sentido*, apresenta relações entre o corporal em Cronos e o incorporeal em Aion. A superfície-efeito deste e a profundidade-causa daquele. Ao afirmar que as matérias são causas umas para as outras, o filósofo inquirir a respeito do que são causas e continua afirmando que estas são de naturezas completamente diferentes.

Efeitos, nesse sentido, “não são corpos, mas, propriamente falando, ‘incorporais’. Não são qualidades e propriedades físicas, mas atributos lógicos ou dialéticos. Não coisas ou estados de coisas, mas acontecimentos” (Deleuze, 2003, p.5). Assim, os efeitos não são corporais, pois “não são substantivos ou adjetivos, mas verbos” (Deleuze, 2003, p.5). Resultam de “ações e paixões, ‘impassíveis’ – impassíveis resultados” (Deleuze, 2003, p.06).

De quem é a imagem? Quem a produziu? Onde foi produzida? Perguntas que se abrem pós-produção, como se a imagem estivesse sempre inacabada, sempre em (re)produção, (re)criação, (re)significação, (re)atualização. A câmera-lata é potência interativa com todo o ambiente. É acontecimento.

As produções das câmeras-lata e as imagens podem ser pensadas como acontecimentos, por ramificar singularidades, pensamentos, sentidos, acasos. Com elas abrem-se possibilidades de intensidades extremas.

A invenção e a singularidade passam, por sua vez, por uma economia nômade que consiste em correr o mundo levando consigo lâ contra o frio, tâmaras e coalhada contra a fome, somente. Com pouca tralha há espaço-tempo para apreciar mundos e meditar escolhas (Brandão, 2002, p.103).

As potencialidades do encontro do currículo com os tempos “deleuzianos” são, neste trabalho, traçados, linhas do “conto” para se considerar a política curricular como estética artística. A produção das imagens pela técnica pinhole pode nos posicionar lateralmente a Cronos, em sua extremidade, remetendos-nos ao tempo-acontecimento-incorporal. A imagem produzida não é o acontecimento, não captura o acontecimento: é, sim, expressão e causa dele, depende da matéria; está em Cronos. Entretanto, a duração da invenção da imagem e a sua posterior leitura são potencialmente nascituras, indefinidas, imateriais, efeitos – Aion.

Enquanto Cronos é circular, depende da matéria, é sempre definido, é o tempo das profundidades, do capturado, do futuro que se espera, dos possíveis – atualizações –, Aion desenrola o traço do círculo e o põe em linha reta na superfície, na qual em dois sentidos ela é infinitamente subdividida. “Aion em linha reta e forma vazia é o tempo dos acontecimentos–efeitos” (Deleuze, 2003, p.65). Por se libertar da matéria para se desenrolar e poder ser subdividido ao infinito, é o tempo da criação, do não-esperado, da imaginação, da deformação, da percepção, da singularidade, do acontecimento, das virtualizações.

De dentro e de fora do trem e da escola produzimos imagens-imaginárias com ou sem a câmera. O trem que nos levou aos bairros em Paulínia-SP é tanto imagem quanto câmera. Lançamos mão do controle para produzirmos imagens distorcidas, fugidias, virtuais, posicionando-nos em Aion. Atualizam-se como possibilidades de imaginações e de relações com pessoas, coisas, objetos, ambientes, pensamentos, sonhos, estranhamentos, desejos, delírios. Efeitos de misturas de textos, de imagens, de idéias, de outras imagens, de produtos audiovisuais, do espaço-escola, da cidade, do mundo, na construção de currículos fugidios, instáveis, em devir.

Essa proposta é povoada por desejos de produzir efeitos de superfície, de singularidades, de percepções, de sentidos. Efeitos que se possam renovar;

“maneiras de ser” e não identidades. Posicionar-se em Aion, aceitando Cronos, mas não se confundindo com ele ou deixando-se ser preenchido por ele. Investir no pensamento e no tempo-pensamento.

Alguns traços desses sentidos podem ser o planejamento esboçado, em linhas gerais, pela professora Aline no início do ano letivo, para a terceira série. Previa o trabalho com o tema Identidades, visando *recuperar a história de vida da criança (altura, peso, características físicas e psicológicas, gostos, medos, tamanho das mãos e dos pés, marcas digitais, certidão de nascimento, história do nome, casa, família), tendo como procedimento metodológico a utilização de documentos.*<sup>5</sup>

O planejamento preso a Cronos imprimia dureza, estava nos documentos, no datado, no físico, na matéria, nos estados de coisas, no profundo. Não que essas características não fossem importantes, mas, somente nessa leitura do tempo, as possibilidades de invenção e conto podem ficar endurecidas e pré-visíveis, esperadas: atualizações. Como se as virtualizações estivessem pesadas demais para subir à superfície e permanecessem numa pseudopropriedade. Como se elas não existissem e estivessem apenas no âmbito dos “possíveis”. Presas ao que “deve” ser realizado, porque planejado. Assim, como nos propussemos a nomadizar o currículo, fomos nos permitindo transformá-lo em janelas mais abertas às surpresas e que trouxessem vozes dos alunos, suas conexões, seus desejos, suas culturas, suas percepções.

Desejo de posicionar-nos lateralmente a Cronos, estar em Aion, pois a este são inerentes o acaso, as distribuições singulares, as invenções, os contos, os pensamentos. Deslocamos a atenção do planejamento-conteúdo para as percepções, para os acontecimentos, buscando nas diferentes linguagens a possibilidade de agenciar imaginações-currículos-nômades. Porém esse processo não acontece sem conflitos e dúvidas.

*Pensar o currículo de uma forma diferente da que estamos acostumados, assusta um pouco. Existe, sim, um desejo de transformar as práticas escolares por parte dos professores e, isso de fato, implica um novo currículo, um novo modelo de aula, com mais movimento, com toda uma reestruturação, que na hora do “vamos ver” as idéias ficam bem à frente. (Professora Aline).*

Aion e Cronos excluem-se e completam-se mutuamente, pois Aion é lateral a Cronos. Enquanto este é comunicação, transmissão, identidade, aquele opera por percepções, por singularidades, por efeitos, é fugidivo. “Cada acontecimento é o menor tempo, menor que o mínimo tempo contínuo pensável, por que ele se divide em passado próximo e futuro iminente” (Deleuze, 2003, p.66).

5. Trecho do caderno de anotações da professora Aline.

Sendo assim, ele é o instante incorporal, não capturado e sem espessura. Entretanto, por não cessar de ser subdividido, também “é o tempo mais longo, mais longo que o máximo tempo contínuo pensável” (Deleuze, 2003, p.66), podendo ser igual a sua linha ilimitada.

Na superfície das imagens, uma outra leitura para o currículo-tempo-acontecimento. Perverter o tempo-presente para recriar ao infinito o passado e o futuro. Uma busca por insuflar o acaso e ramificar os pensamentos para produzir o jogo da criação, das múltiplas leituras e expressões: do devir culturas.

Mas Deleuze ainda apresenta uma terceira leitura do tempo. Pergunta ele: o que se passa quando, em Cronos, a mistura dos corpos e o presente vasto e profundo ocorrem ao acaso ou quando a mistura é parcial? Quando não dá a perfeita medida? Ou quando há perturbação no presente que o ameaça e alucina todo o seu estado de coisas? Qual seria a leitura do tempo que é devir, mas é ainda profundo o suficiente para não ter força de subir à superfície? O devir-louco das profundidades.

Esse devir é aprisionado no presente Cronos, pois está preso à efetuação, à circularidade do tempo, ao estado de coisas. Ao subverter Cronos, produz a sensação de desconforto, de desajuste. Como se o controle do tempo e do espaço não mais estivesse no presente, nas mãos de quem o quer controlar. Ainda não há possibilidades para a contra-efetuação; para desterritorializar a aula e conferir a ela outras naturezas, por exemplo. Há busca por reterritorializá-la e essa operação se dá por produção de expressões. A aula parece desorganizada, desencaixada – “mau presente” –, talvez porque os planos e objetivos predefinidos não consigam se sustentar no devir-louco das profundidades. Porém, eles ainda estão latentes, pois há subversão do presente; aula subvertida.

Desterritorializações? Reterritorializações?



Figura 9



Figura 10  
(Imagens produzidas pelos alunos)

Esse devir esquiva o presente, perturbando-o, pois ameaça a ordem dos corpos medidos e qualificados. “Poder de esquivar o presente (pois ser presente seria ser e não devir).” (Deleuze, 2003, p. 169). Ao esquivar o presente, perturba-o, subverte-o, tornando-se mau presente. “O devir-louco da profundidade é pois um mau Cronos que se opõe ao presente vivo do bom Cronos” (Deleuze, 2003, p.168). Assim, o devir das profundidades é tão presente quanto Cronos e, por isso, é delimitado, endurecido, dependente da incorporação em estados de coisas.

Preso à profundidade e às medidas e corpos, esse devir não consegue ainda subir à superfície, pois “nada sobe à superfície sem mudar de natureza” (Deleuze, 2003, p.170). Sendo um mau Cronos, ele subverte o presente internamente, ameaça os corpos qualificados, suas medidas, ou seja, sua permanência e extensão. O “agora” medido e esticado passa a ser subversão, revolvido em sua profundidade por forças que põem em perigo e esquivam o presente vivo do bom Cronos. “O devir das profundidades, é, pois, um devir <<capturado>>, um devir que não se furta à reterritorialização, uma derivação tornada presente de um devir anterior” (Fadigas, 2003, p.40).

Portanto, o devir das profundidades está preso ao presente, é um devir que não pode saltar o “agora” de Cronos. Ele desestabiliza, esquiva, ameaça o presente, mas, ainda preso aos corpos e coisas, não pode subir à superfície, mudar de natureza. Segundo Deleuze, a mistura em Cronos passa a ser corte profundo, “a desforra do futuro e do passado sobre o presente, [...] é a sua maneira própria de querer morrer” (Deleuze, 2003, p.169).

No devir-louco das profundidades a aula está presa ao que foi definido como código-aula a ser cumprido, mesmo que, com a subversão, pareça impossível essa realização. Entretanto, são atos criativos e expressivos que produzem

efeitos de subversão no presente Cronos, mas não romperam com os códigos predefinidos.

Em alguns momentos da invenção das imagens, posicionamo-nos em Cronos e prendemo-nos às seqüências, ao planejado, às disciplinas, aos significados dos alunos em suas produções. Em outros instantes estivemos em Aion, produzindo sentidos e percepções diversas e fugidias, sem desejar capturá-las. Lançar-se no acaso, nas singularidades instantâneas. Outras vezes, o devir-louco das profundidades confere desestabilização e o corte parece tão profundo que reterritorializa a aula e a escola, conferindo bloqueios e discursos uníssonos.

“A diferença essencial não é mais entre Cronos e Aion, mas entre Aion das superfícies e o conjunto de Cronos e do devir-louco das profundidades” (Deleuze, 2003, p.170). Este conjunto preso à matéria, às suas causas e ao presente extenso e profundo: “agora” que dá a sensação de um presente limitado porque medido. Aion, fenda na superfície, livre dos corpos e relacionado aos seus efeitos sem ser preenchido: “instante” que é finito, mas ilimitado pelo passado e pelo futuro, o que o subdivide ao infinito.

Nesse sentido, como afirma Deleuze, os dois devires, da superfície e da profundidade, não possuem em comum nem mesmo a ação de “esquivar o presente”. “Pois se a profundidade esquiva o presente, é com toda a força de um “agora” que opõe seu presente tresloucado ao sábio presente da medida [...]” (Deleuze, 2003, p.170). O que, entre outras coisas, lhe confere a qualidade de “mau presente”, “corte profundo”, ainda circular, permeado por bloqueios, por endurecimentos, por misturas de corpos, porém devir e preso ao presente corporal; talvez por isso esse devir seja apelidado por Deleuze como louco, tresloucado!

Lateralmente, “se a superfície esquiva o presente, é com toda a potência de um ‘instante’, que distingue seu momento de todo presente assinalável sobre o qual cai e recai a divisão” (Deleuze, 2003, p.170). São as singularidades instantâneas sobre as quais o pensamento opera e se furta à matéria, possibilitando a criação, o conto, a novidade, a virtualização. Virtualização e não atualização, pois o atual está relacionado ao campo de possíveis, do previsível, o qual basta esperar para que se realize, enquanto que o virtual é do âmbito da superfície, do inesperado, do acontecimento incorporeal, do pensamento.

Ao “esquivar o presente”, o devir profundo subverte-o, enquanto o devir da superfície o perverte. “Não é mais o futuro e o passado que subvertem o presente existente, é o instante que perverte o presente em futuro e passado insistentes” (Deleuze, 2003, p.170). Insuflar o acaso, perverter o presente são operações necessárias nesse sentido e em nossa proposta estética de nomadizar currículos. Uma operação produtiva pode ramificar o pensamento, posicionando-se na extremidade de Cronos e apostando no acaso, “pois só o pensamento

pode afirmar todo o acaso, fazer do acaso um objeto de afirmação” (Deleuze, 2003, p.63).

Impassíveis resultados?

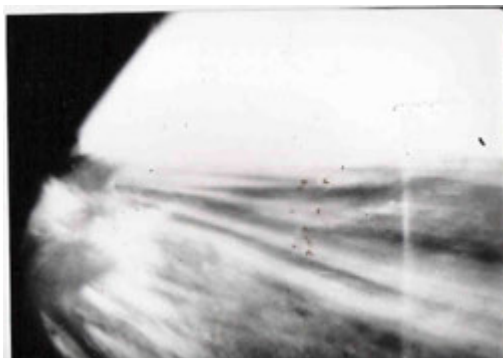


Figura 11



Figura 12

(Imagens produzidas pelos alunos)

O acontecimento é impessoal, instantâneo, incorporal, livre da efetuação, “ou melhor, que não há outro presente além daquele do instante móvel que o representa, sempre desdobrado em passado-futuro, formando o que é preciso chamar a contra-efetuação” (Deleuze, 2003, p.154). A perversão está em que a contra-efetuação libera o acontecimento para dobrar e se desdobrar em outros; possibilita “irmos mais longe do que teríamos acreditado poder” (Deleuze, 2003, p.164) e, assim, liberta-os da materialização que os aprisionaria e os tornaria definitivos, sem a possibilidade de produzir outros efeitos.

Encontro na proposta de produzir imagens-imaginárias uma possibilidade, entre outras, de nomadizar currículos. De uma outra leitura para o currículo-

tempo-acontecimento. No devir-louco a aula está presa ao que foi definido como código-aula a ser cumprido, ao planejamento, mesmo que com a subversão pareça impossível essa realização. Entretanto, são os atos criativos e expressivos que produzem efeitos de subversão no presente Cronos, mas não rompem com os códigos predefinidos.

As potências em perverter o presente em invenções curriculares são os instantes que espreitam entre o devir-louco das profundidades como possibilidade de imaginações-currículos-nômades e a não-efetuação Aion, ramificando pensamentos e percepções em virtualizações do tempo e do espaço.

Possibilidades de subverter o agenciamento escola-aula-professor-aluno e tensionar forças para perverter o presente-aula, pois incorpora as artes, as expressões culturais, apostando nas potencialidades *de singularidades instantâneas, de maneiras de ser, de impassíveis resultados, no improviso e na criação* de agenciamentos currículos-fotografia-tempo: de acontecimentos.

#### Referências bibliográficas

BRANDÃO, Ludmila de Lima. *A casa subjetiva: matérias, afectos e espaços domésticos*. São Paulo: Perspectiva; Cuiabá: Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Tradução: Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Tradução: Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 2003.

FADIGAS, Nuno. *Inverter a Educação: de Gilles Deleuze à filosofia da educação*. Portugal: Porto Editora, 2003.

*Recebido em 31 de janeiro de 2007 e aprovado em 09 de março de 2007.*